Aspectos dialógico-polifônicos da proposta pedagógica de Anísio Teixeira para as escolas-parque da Bahia na década de 1950

Dialogical-polyphonic aspects of Anísio Teixeira's pedagogical proposal for park schools in Bahia in the 1950s

Ednei Otávio da Purificação Santos^{1*}, Alfredo Eurico Rodrigues Matta¹, Francisca de Paula Santos Silva¹, Ramesh Chander Sharma²

RESUMO

Neste artigo relatamos, através da dialogia polifônica de Bakhtin (2003), pontos importantes que contribuíram para o desenvolvimento do projeto educacional de Anísio Teixeira para as escolas-parque da Bahia na década de 1950. Escolhemos três pontos que permearam a trajetória do educador caetitense, como a Educação Senhorial no Brasil, o Pós-abolição brasileiro e a presença de John Dewey que, em nossa visão, tem importância na construção da proposta pedagógica para as escolas-parque. Também buscamos entender os contextos que envolvem cada um desses pontos e as circunstâncias que contribuem para o projeto educacional de Anísio Teixeira.

Palavras-chave: Anísio Teixeira; Escolas-Parque; Dialogia-Polifônica; História da Educação.

ABSTRACT

In this article, we report, through Bakhtin's (2003) polyphonic dialogue, important points that contributed to the development of Anísio Teixeira's educational project for park schools in Bahia in the 1950s. We chose three points that permeated the trajectory of the educator from Caeté, such as the Manorial Education in Brazil, the Brazilian post-abolition period and the presence of John Dewey who, in our view, are important in the construction of the pedagogical proposal for the schools in the park. We also seek to understand the contexts that involve each of these points and the circumstances that contribute to Anísio Teixeira's educational project.

Keywords: Anísio Teixeira; Park Schools; Dialogy-Polyphonic; History of Education.

¹ Universidade do Estado da Bahia, Brasil

² Ambedkar University Delhi, India

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta pontos importantes na vida de Anísio Teixeira e que contribuíram para a construção de sua proposta pedagógica, especificamente para a educação infantil. Salientamos esta área da educação de crianças e jovens devido ao fato que o Secretário da educação e Saúde da Bahia do período de 1948 a 1951 tinha outros projetos para a educação básica e a educação superior no Brasil. A multiplicidade de ações e projetos que o educador e causídico baiano tem nos diversos estratos educacionais é vasta e digna de ser sempre lembrada. Relembramos, por exemplo, que Anísio Teixeira é o idealizador da Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1932, quando o Rio de Janeiro era a capital nacional. Outra grande obra sua é a Universidade de Brasília (UNB) em parceria com Darcy Ribeiro, inaugurada em 21 de abril de 1962. Relembramos também as Escolas-Classe, outro projeto de autoria dele e que tem íntima vinculação com os parques escolares, formando os Centros Populares de Educação ou, ainda, centros educacionais. A escolha aqui feita neste artigo pode abranger o percurso criativo para os outros projetos de Anísio, mas dedicamo-nos especificamente aos parques escolares que ele pretendia construir na Bahia na década de 1950, dez escolas-parque na capital baiana e sete em outras cidades do interior baiano.

Escolhemos três pontos que permearam a trajetória do educador caetitense, na construção de sua proposta pedagógica para as escolas-parque. Utilizamos a dialogia polifônica de Bakhtin (2003) para analisar e entender os contextos que envolvem cada um desses pontos e as circunstâncias que contribuem na vida de Anísio Teixeira. Para trabalhar com o contexto desses pontos, usamos um conceito relevante para o trato deste estudo: o contexto dialético histórico sociointeracionista, doravante chamado apenas de contexto. A importância do contexto é bem definida nas palavras de Luciana Martins quando fala em “situar o leitor sobre a conjuntura, dinâmica e realidade que sustentou o foco de estudo, de maneira a torná-la legítima interlocutora dos participantes que irão interagir [...], procurando assim entender a complexidade histórica envolvida” (Martins, 2017, p.56).

Outro elemento importante para a leitura deste artigo é que a fundamentação e construção do conhecimento deste estudo estão apoiadas na polifonia e dialogia de Mikhail Bakhtin, filósofo e linguista russo da década de 1950. Somos adeptos de que há uma presença dialógica (e dialética) em todos os sujeitos da história do educador

caetitense. Interpretamos, também, a existência de uma presença polifônica de sujeitos do passado que, segundo nossa abordagem epistemológica dialógica, estão vivos através dos escritos, das obras e das pessoas que tiveram contato com os mesmos. Isto implica dizer que entendemos, esteja, Anísio Teixeira, dialogicamente, presente em suas criações, em seus escritos, áudios, vídeos e também nas outras pessoas que fizeram parte de sua vida. Pelo aspecto científico aqui adotado, todos permanecem vivos, no outro, por meio da polifonia e do dialogismo de Bakhtin. Ou seja, todos os elementos trazidos vão obedecer esta lógica polifônico-dialogista, assumindo que os sujeitos interatores, como por exemplo, estes pesquisadores que aqui escrevem, e os sujeitos presentes via contexto (o próprio Anísio, Dewey, sua família, Monteiro Lobato, os escolanovistas, políticos e governantes) estão compartilhando dialogicamente suas existências com os sujeitos leitores do texto.

Explicado isto, tecemos nosso artigo trazendo os elementos escolhidos, a saber, a Educação Senhorial no Brasil, o Pós-abolição brasileiro e a presença de John Dewey, para entender as circunstâncias, os fatos, as qualidades ou tensões anexas que circundam cada um desses elementos, que em nosso paradigma sociointeracionista (Santos, 2020) permearam a vida de Anísio Teixeira.

A EDUCAÇÃO SENHORIAL NOS PRIMÓRDIOS DA VIDA ANISIANA

Inicialmente, trataremos como primeiro aspecto a educação senhorial no Brasil. O Brasil imperial, influenciado pelo período pós-revolução industrial na Europa, passa a vivenciar mudanças na lógica da sociedade senhorial patrimonialista (Matta, 2013, p.37), baseada em clientelismo e favorecimentos. A emergente burguesia cafeicultora passa a enfrentar a aristocracia senhorial tradicional que, mesmo resistindo, não consegue impedir essa nova ordem social. A burguesia se aproveita do acúmulo de capital e de fortunas obtidas com a venda do café e da mão de obra dos imigrantes, fugida da Europa recém-industrializada, para estruturar uma nova forma de trabalho, atrelada ao salário e não mais à escravidão. O eco do crescimento da burguesia brasileira se traduz em República, proclamada em 1889, e que depõe o imperador. O operário assalariado, o imigrante ou o ex-escravo, passam a querer mais que trabalho: exigem direitos e, principalmente, condições e qualidade de vida. A Bahia desse período, da virada do século XX, era uma província permeada pela presença de prepostos da Igreja Católica, e

dos senhores de engenho de cana-de-açúcar, escravistas e patrimonialistas, com propriedades tanto no recôncavo e no interior baiano quanto em Salvador, primeira capital do Brasil.

No que tange ao diálogo polifônico desse contexto com a trajetória de vida de Anísio, temos a figura de seu pai, Deocleciano Teixeira, exemplo de representante da classe dominante dessa ordem sociometabólica, médico, fazendeiro e deputado provincial, viveu em uma sociedade baiana senhorial, dos coronéis, baseada em prestígios e favorecimentos sociais, resquício de uma herança secular de colonização portuguesa no Brasil.

Esse coronelismo era pautado pelo poder dos latifundiários brasileiros, com forte presença do prestígio político e religioso na vida social. Vigente desde o Brasil Colônia, talvez desde remota ancestralidade ibérica, e teve na figura do coronel Horácio de Matos o precursor dessa ordem. O coronelismo é uma forma elaborada de poder, baseada no compromisso entre o poder armado e a aristocracia, que se utiliza de premissas como o exercício de força e muitas vezes da violência para se impor e manter seu prestígio (*status quo*) na região. O principal nesta questão era a relação de posse, pela classe senhorial, das condições de existência dos outros, que obrigava as pessoas a estarem sempre pagando algum tipo de tributo para os senhores proprietários (Matta, 2013, p.63).

A herança ibérica propiciou uma Bahia estruturada no poder senhorial, organizada "na propriedade inquestionável dos fidalgos sobre os recursos da existência necessários à vida da coletividade" (2013, p.37). A força desses senhores era demonstrada através de suas posses materiais e imateriais. Os que têm prestígio recebem tributos (relações de apadrinhamento) das populações dependentes. Essa força não se limitava somente na propriedade de terras como, também, de rios e até mesmo mares, detendo assim o monopólio do comércio por essas vias. A cobrança de taxas e impostos nessas áreas eram formalizadas por lei e as práticas de subsistência eram permitidas somente ao se reconhecer o favor concedido pelos poderosos. Detinham poder sobre a fé, impondo o catolicismo; sobre a cultura, determinando o ideal eurocêntrico de moda e de costumes; das relações sociais, impedindo ascensão entre classes existentes; e sobre a criação de padrões ideológicos e estéticos, inclusive o que era para ser utilizado ou não (2013, p.37).

Com poder palaciano, dono de escravos e de cabeças de gados, tinha seu próprio "exército" assim como outros coronéis nordestinos. Mesmo não estando na rota oficial do cangaço, Caetité tem uma ligação com esse fenômeno em função da presença dos

jagunços, os soldados dos coronéis. Além de ter morado no estado de Minas Gerais e na cidade baiana de Lençóis, Deocleciano mudou-se em 1885 para Caetité após filiar-se aos Luzias, o Partido Liberal. Esse partido sai vitorioso do sufrágio baiano ao eleger o primeiro governador da Bahia, Joaquim Manoel Rodrigues Lima (Santos, 2020, p.64).

Quando Anísio nasce, recebe essa convivência na sociedade tradicional a qual pertencia, por ser filho de uma elite privilegiada. Tinha na figura de seu pai a decisão firme em deixar seu legado aos filhos: a carreira política. De fato, o coronel Deocleciano conseguiu, de certo modo, deixar seu o legado incutido na vida de Anísio, na carreira política. Características suas foram herdadas pelo jovem causídico: inserção em redes sociais influentes; prestígio, estratégia e perspicácia dentro da política. Estas foram fundamentais enquanto conduzia a organização da Inspeção de Educação da Bahia, em 1924.

O que a classe senhorial não imaginava é que, mesmo com todo o controle que supunha ter, mudanças acontecem, desta feita pelo confronto com a chegada de uma nova ordem sociometabólica, a modernização. Anísio representa, legitimamente, essa modernidade. Legítimo porque ele, que vivenciou esse tipo de ensino senhorial, patrocinado pelo pai, se questiona, questiona e é continuamente questionado por essa educação erudita. As experiências que Anísio teve fora do país, nos Estados Unidos e na Europa, o revestem dessa modernização que, na realidade, é um agente de uma outra ordem sociometabólica, a educação burguesa, surgida no Brasil República em sua primeira fase, no pós-abolição, que é o que veremos a seguir.

O PÓS-ABOLIÇÃO E SEUS REFLEXOS

Outra circunstância importante que influencia a história da educação é a tríade escravidão – abolição – pós-abolição. Os escravos no pós-abolição tinham como demanda premente a sobrevivência. Ou seja, não mudou muita coisa do tempo em que eram escravos: tinham de sobreviver, e ainda por cima numa terra hostil e estranha. Após a abolição, eles ficaram a margem da mínima e qualquer possibilidade de integração ou de qualquer política pública que lhes viesse a beneficiar. No Brasil República, os “antigos escravos” eram agora os “pobres”, sobrevivendo como podiam.

Na Bahia pós-abolição, porém, a organização da produção e do trabalho permaneceu similar ao período colonial, “baseada no trabalho escravo ou servil, que

preferencialmente remunerava os trabalhadores com proteção ou suprimento direto” (Matta, 2006, p.201). Mas os “novos pobres”, que a essa altura já tinham incorporado às suas fileiras os descendentes de europeus desempregados, aos poucos substituídos pelas máquinas, passam a reivindicar direitos.

Eis que para atingir suas demandas, a população começa a se mobilizar na luta pelo trabalho associado a uma qualidade de vida, mesmo que de uma forma limitada, caracterizada pela presença maior de trabalhadores da agricultura do que fabris e industriais. Na nova ordem sociometabólica recém-instalada pela república, isso significa uma luta pela igualdade e pelo direito ao emprego (Menezes, 2013, p.10).

Dois personagens se destacam nesses movimentos populares trabalhistas, agentes dessa nova ordem: um é o líder republicano Major Cosme de Farias, criador da Liga contra o Analfabetismo e da Carestia da Vida (1913), com ênfase na alimentação (que era cara) e qualidade de vida (baixa) da época (Menezes, 2013, p.10).

O outro, de grande importância, é Manuel Querino, abolicionista e republicano, fundador do Centro Operário da Bahia (1894), com sua ênfase na instrução dos escravos e seus descendentes e nos operários trabalhadores. Segundo Menezes, *“Cabe ainda ressaltar que, apesar do pouco acesso à escola, os membros das classes populares na Bahia não só acreditavam na educação, como lutaram por ela e tomaram a iniciativa de criar classes escolares em suas organizações, para si e seus filhos.”* (2013, p.12).

O clamor por educação era a base da luta desses dois movimentos de classe. O propósito principal do Centro, e disto advém a importância de Querino para o contexto, era propiciar a difusão do conhecimento para o sujeito e, com isso, os sujeitos tinham uma possibilidade de mudança social e financeira. Por isso era preciso saber ler e escrever, somar e subtrair. E a escola era a ferramenta necessária e precípua para essa ação, pois é nela que se dava a educação ao povo, dava o ensino primário para alfabetizar e dava o diploma para referendar que aprendeu.

Além disso, Querino acreditava que os conhecimentos adquiridos eram também uma forma de conscientizar politicamente o trabalhador. Alfabetizado, segundo ele, conseguiria usufruir dos avanços sociais que os republicanos imaginavam que a proclamação da república traria para todos.

A nova ordem sociometabólica, centrada na república, é influenciada pelos ideais advindos do cientificismo alardeado pelos positivistas europeus August Comte e John Mill. Diversos intelectuais e militares brasileiros foram influenciados pelo positivismo e

se debruçaram na defesa da mudança do imperialismo para democracia, com o apoio financeiro da burguesia cafeicultora, que tinha outros interesses nesse projeto.

A defesa trazia as aspirações de “justiça e fraternidade” e de “progresso que vem com a ordem” como forças indispensáveis na obtenção de avanços contra o conservadorismo aristocrático. Avanços tais como o ‘conhecimento científico enquanto verdade’, capaz de propiciar revoluções, tanto sociais e como industriais, livres da influência metafísica da teologia.

Defendem, também, que o estado, constituído através do sufrágio universal, é quem deve comandar e decidir os caminhos do país, sem a presença da igreja, lembrando que no período do império o poder da igreja e o poder político estavam atrelados na figura do imperador, Dom Pedro II.

Todo esse contexto do início do século XX, com movimentos trabalhistas instalados e organizados na busca de uma educação e com os movimentos sociais visando uma qualidade de vida, associada à instalação da república no Brasil, vem propiciar o retorno dos jesuítas a Bahia em 1910. Estes, após serem mal recebidos por parte da imprensa e de intelectuais, constroem em Salvador o Colégio Antônio Vieira (1911), ainda em funcionamento nos dias de hoje. Com o apoio do deputado Deocleciano Teixeira instalaram na cidade de Caetité o Colégio São Luiz Gonzaga (1912). O pai de Anísio cedeu, gratuitamente, para monsenhor Luís Pinto Bastos o terreno e o prédio para instalação do “Colégio dos Padres”. Ainda construiu o prédio do internato da escola onde Anísio Teixeira e seus irmãos Jayme e Nelson estudaram o curso primário.

Esse colégio jesuíta caetitense estava sob os ideais do padre português descendente da família aristocrática de Foz do Douro Luiz Gonzaga Cabral (1866-1939), considerado um dos maiores pregadores, radical e ferrenho, na defesa dos princípios jesuítas da Península Ibérica. Criticava o missionário Henrique MacCaully, fundador do Colégio Americano, uma escola presbiteriana que era a sede do bispado da Bahia naquele mesmo ano (Menezes, 2013, p.17).

As influências da educação religiosa e jesuítica são muito fortes em Anísio Teixeira. Sua mãe, Anna de Souza Spínola, desejava vê-lo seguindo pelos caminhos da igreja. O padre jesuíta Luiz Gonzaga Cabral incentivava a resolução firme de Anísio em entrar para a Companhia de Jesus. Acreditava que o jovem tinha o dom de aprender e sua inteligência era produto da criação divina desenvolvida através dos ditames da fé (Castanha, 2006, p.15).

Foi o pai de Anísio quem não consentiu sua entrada na ordem religiosa. Pretendendo que ele seguisse carreira política, o enviou para o Rio de Janeiro para cursar direito. Amargurado com a decisão do pai, endereça carta ao mesmo buscando comovê-lo, pondo em prática toda argumentação de seu jovem de espírito contestador. “Com o meu acanhamento, as minhas inaptidões absolutas para falar em público e uma natureza no fundo muito desanimada - as minhas ambições de apóstolo, que antes de tudo um lutador - eram quase ridículas. Então veio-me a ideia de trabalhar de sociedade [religiosa].” (Teixeira, 1920)

A característica da timidez não superava a capacidade de argumentação já descritas pelos próprios padres jesuítas. Inclusive afirmavam que o jovem Anísio possuía ‘inteligência brilhante’ dada por Deus. Por influência dos religiosos, o futuro causídico também considerava sua inteligência algo divino, pelo fato dele ser “cristão pela graça de Deus, tive a felicidade de, desde cedo, ser educado em colégios católicos” (Teixeira, 1920).

Ou seja, ele reconhece em sua juventude essa educação dos privilégios, de uma ordem sociometabólica senhorial, com uma educação religiosa “destinadas ao acolhimento de jovens estudantes inteligentes, potenciais candidatos jesuítas” (Castanha, 2006, p.5). Mas fracassa ao tentar demover seu pai, via correspondência, da decisão de enviá-lo para a capital federal. O coronel Deocleciano praticamente obrigou Anísio a seguir para a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro e concluir em 1922, mesmo não se empolgando com a matéria. Retornou para a Bahia no ano seguinte, passando a se dedicar na assistência jurídica e política de seu pai, que lhe pleiteia um cargo de promotor público de Caetité junto ao governador Góes Calmon, em troca de sua ajuda política na sua eleição.

Mas Góes Calmon tinha outros planos para o causídico recém-formado. Convidou-o para assumir o cargo de Inspetor Geral de Ensino em 1924, algo equivalente com a função hodierna de secretário de estado e, assim, insere-o em outro mundo que o cativa em definitivo: a educação. E é pelo viés educacional que o terceiro ponto que, em nossa visão, circunstancia a trajetória de vida de Anísio Teixeira vem do diálogo com John Dewey.

A PRESENÇA DE DEWEY NA VIDA DE ANÍSIO

É no início do governo de Góes Calmon que o presidente da Bahia (função equivalente a de governador atualmente) ofereceu a Anísio Teixeira a Inspeção Geral de Instrução do estado. A Promotoria de Caetité já estava delegada ao jovem causídico, como parte do apoio dado pelo seu pai na sua eleição (Nunes, 2010, p.16).

Góes Calmon alardeava que a mudança de decisão na assunção de Anísio na promotoria de Caetité para a inspeção ocorreu pelo fato de se considerar um grande “descobridor de jovens talentos” (Cunha, 2001, p.91). O que ele desejava mesmo com essa atitude era uma independência da magistratura daquela promotoria solicitada por Deocleciano. Desejava manter distantes as facções políticas daquela cidade ao qual o Coronel pertencia. A escolha de Anísio para o lugar de Afrânio Peixoto foi sugestão de Hermes Lima, então secretário oficial de gabinete do governador calmonista. Foi recebida com protestos dos mais diversos estratos da sociedade baiana, alegando a inexperiência do jovem advogado para assumir tal função.

Porém, essa decisão mudaria a vida de Anísio completamente. Aceitou a inspeção pelo desafio, acreditando que sua familiaridade com a vida política sertaneja, sua organização de pensamento católica adquirida nos estudos jesuítcos, sua fé inabalável em Deus e seus conhecimentos jurídicos, aprendidos na faculdade e aplicados durante seu período como assistente jurídico dos negócios de seu pai, seriam úteis naquela função.

Anísio passa a questionar diversos pontos acerca dos espaços físicos das escolas. Isso se tornou um dos seus primeiros objetivos: um ambiente escolar apropriado para o docente exercer seu ofício. Na busca de uma solução, depara-se com novas leituras voltadas para a pedagogia. O livro “Métodos americanos de Educação”, do escritor e educador belga Omer Buyse (Nunes, 2010, p.16). Este livro o influencia a tal ponto, que o mandar traduzir e distribuir entre os professores das escolas primárias na Bahia. O livro descreve a experiência das escolas americanas que envolvem a prática manual vinculada à educação formal.

Visando conhecer mais acerca da educação norte-americana, Anísio viaja aos Estados Unidos em 1927. Conhece as escolas americanas e sua organização, com a ajuda de Monteiro Lobato (1882-1952), então adido comercial em Nova York (Nunes, 2010, p.18). Lobato ainda consegue para Anísio um retorno em 1928, desta vez para fazer um

mestrado (*Master of Arts and Crafts*) no *Teacher College* da Universidade de Columbia em Nova York. É no Mestrado em Artes e Ofícios, equivalente a um mestrado em *design*, que o caeticense se torna aluno de John Dewey, tornando-se sua maior influência em teoria educacional. Ao entrar em contato com as suas ideias, Anísio se define como livre-pensador e passa a conjecturar a ideia do laicismo educacional, mesmo após uma infância imersa no desejo de ingressar para a vida jesuítica.

A teoria de Dewey é baseada na ideia de liberdade criadora pautada pela criticidade visando o desenvolvimento integral da pessoa. A educação progressiva diz que nenhum dogma predomina diante o indivíduo, que desenvolve sua experiência através de atividades manuais físicas e práticas, estimulada pelo espírito de iniciativa.

Dois pontos são preponderantes nesta teoria educacional: o primeiro refere-se ao laicismo, que deve estar atrelado a educação. Essa ideia de ‘não ser influenciado por nenhuma religião’ (ser laico) é uma ampliação do ‘secularismo francês’, que rejeita a influência da igreja no estado. Surgiu durante a Revolução Francesa em 1789, quando foi verificada que a Igreja Católica era a maior detentora de terras e de propriedades na França. Além, disto, estava completamente isenta de pagamentos de impostos a coroa francesa, na pessoa do rei Luís XVI. O secularismo francês considera que os dogmas religiosos devem estar totalmente restritos a esfera privada das famílias, sem qualquer capacidade de interferências externas. O laicismo de Dewey estende essa restrição para a educação.

Para Anísio, essa influência da ‘dimensão laica’ trazida a ele por Dewey é premente e propicia a ele “reviver situações que conhecera no ‘mundo dos colégios jesuítas’, o que o empurrou a reinterpretar a realidade e produziu aos seus olhos e aos olhos dos outros uma ruptura biográfica que acentua o antes e o depois da estadia nos Estados Unidos.” (Nunes, 2010, p.7)

O segundo ponto refere-se ao pragmatismo clássico, movimento que abrange o pensamento dos britânicos Charles Sanders-Peirce e de William Morris, trazidos para América por Dewey. Preferindo outros termos como funcionalismo, instrumentalismo ou escola nova, Dewey tem a ideia de que o sujeito com acesso a instrumentos e com liberdade para manuseio dos mesmos dá uma maior contribuição ao coletivo. No Brasil, essa ideia é aplicada na escola para a democracia do que propunha Anísio Teixeira, base da educação como processo científico e da missão educativa do educador.

Após retornar dessa viagem, Anísio publica o primeiro de seus treze livros,

intitulado “Aspectos americanos da educação”, que trata do funcionamento das escolas americanas. Nele, compila sua experiência de visitas às escolas e de contato com as ideias propagadas pelos pragmatistas, entre eles John Dewey e Harold Rugg, que surgem como uma opção para Anísio, frente a educação senhorial escolástica que marcou sua infância. Ele escolhe abraçar o pensamento científico, mais precisamente a pesquisa em educação, e entra em rota de colisão com a ordem sociometabólica de onde ele mesmo vinha e tinha trilhado.

Com as políticas sociais e econômicas da União e do estado balizadas pela ideologia desenvolvimentista e de urbanização (Matta, 2013), a educação na Bahia se apresentava como solo fértil para aplicação da escola nova. O desejo inicial do inspetor de educação, de cuidar do ambiente físico das escolas, estaria vinculadas ao ideário da educação pragmática de seu mentor, Dewey.

Nascido em 1859, o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey escreveu sua obra “Democracia e Educação” em 1916, onde critica duas filosofias da educação, considerando-as “proto-democráticas”; a primeira, acerca de Platão e sua ideia de interferência da sociedade sobre o indivíduo; e a segunda, sobre Rousseau e sua ideia de valorização do indivíduo, sobretudo, na sua educação dita natural.

Dewey tem quatro fortes hipóteses trazidas em seu livro. A primeira é que o conhecimento e sua evolução é fruto de um processo social. A segunda é que a ciência e a tecnologia devem ser forças motrizes para o progresso humano. A terceira é o aprender-fazendo (*learning-by-doing*), na defesa da educação prática como reorganizadora de experiências adquiridas que influenciarão experiências vindouras. E a quarta diz que os processos de ensinar e de aprender devem ter forte orientação para que o conhecimento se torne público, corroborando com o que foi proposto por Robert Oppenheimer e seu combate à privatização do conhecimento (Prawat, 2000, p.1).

Anísio, o “primeiro tradutor das obras de Dewey para língua portuguesa”, adaptou, transduziu a noção de experimentação da ‘aprendizagem pragmática’ e propôs uma organização do sistema educacional onde o ambiente escolar deveria ser combinado com a formação docente, para uma reconstrução da escola primária no aumento da sua dimensão quantitativa e qualitativa, concomitantemente (Nunes, 2010, p.19). Esse aumento quantitativo significaria mais crianças na escola e o aumento qualitativo, a formação do educador. A criança terá acesso a uma educação de qualidade, assim como haverá qualidade na formação daquele que irá atuar com essas crianças, os professores.

Para Dewey, a base de uma sociedade sob a égide da democracia pragmatista é que o progresso vem da educação. Anísio concorda com essa ideia teorizada pelo seu mentor e acredita que, para alcançar esse progresso, na prática, somente seria possível através da escola. Segundo o intelectual caetitense, a escola é a ferramenta ideal para tornar o progresso possível, desde que tenha uma educação de qualidade, de todos (acesso público) e para todos frequentarem (gratuito). Isto é a base do pensamento educacional de Anísio para o parque escolar.

É importante ressaltar que, nesta parte do contexto, Anísio já estava “inteiramente afastado de qualquer crença dogmática e também da concepção aristocrática de educação e de vida, próprias da Igreja Católica daquela época” (Vicenzi, 1986, p.10) na sua volta do mestrado em Columbia. Participava ativamente da política brasileira. Graças a ABE, entra em contato com outros entusiastas escolanovistas. A Escola Nova ou Escola Ativa, ou ainda Escola Progressiva foi um movimento de renovação educacional surgido na Europa, no século XIX. Na América, coube ao filósofo John Dewey às questões políticas, sociais e econômicas, dadas às condições de atraso na educação e a responsabilidade pela transformação e mudanças através da sua proposta hodiernamente conhecida como *Learn-by-Doing*, ou aprender-fazendo. No Brasil, em 1882, foi com o baiano Rui Barbosa que surgiram os primeiros ensaios sobre a Escola Nova. O ápice do escolanovismo no Brasil é o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que pregava a criação do sistema escolar brasileiro com a universalização da escola pública, laica e gratuita.

Este é um ponto importante para destacar: o caráter de permanente atualidade das obras de Anísio Teixeira, assim como suas preocupações. Compreender que, para ele, “*a experiência democrática só estaria concretizada quando, além do sistema de educação, se tiverem organizado o sistema de pesquisa e o sistema de difusão do conhecimento*”. Ele resumia que a “*democracia é, literalmente, educação. [...] A educação é, portanto, não somente a base da democracia, mas a própria justiça social.*” Essa é a base do pensamento escolanovista de Anísio Teixeira, totalmente amadurecida, e que vai ser materializada concretamente na Escola Parque.

CONCLUSÃO

Neste momento da vida de Anísio, começam as perseguições. Acusado de ser vinculado a ALN (Aliança Libertadora Nacional), Anísio retorna a Bahia, afastado das funções públicas. Mais tarde, vem a ser perseguido e assassinado pela ditadura militar implantada pelo golpe de 1964. Trataremos desta e outras injustiças sofridas pelo causídico e educador em outro artigo.

O objetivo de falar de todas essas coisas da educação demonstra o contraste entre a educação burguesa, da educação senhorial e da ação de Anísio. Como vimos anteriormente, ele nasceu e foi criado numa educação senhorial, “basicamente religiosa e filosófica, passando pela obrigatoriedade da alfabetização e aritmética fundamental, mas sem a preocupação da aplicação dos conhecimentos no cotidiano ou nos processos produtivos” (Matta, 2005, p.121). Uma educação elitista e exclusivista que visava a manutenção de uma ordem sociometabólica da classe senhorial. A educação burguesa, massificada, enciclopédica e liberal, somente existia nas escolas das classes dominantes, igual a senhorial. Utilizava-se da ciência, que devia ser “um instrumento para obtenção de verdade e pesquisa e passa a ser facilitadora da aceitação e consumo” (Matta, 2005, p.119). A população restante ficaria, tanto na educação tradicional senhorial quanto na educação de hegemonia burguesa, “sendo educada pela convivência com os mais velhos” por muito tempo.

A ação educacional de Anísio tem um diferencial: a educação social. Uma educação onde a formação é feita através da interação e das relações sociais aplicadas dentro escola, para serem reaplicadas fora dela, para a vida. Algo dos modelos educacionais anteriores ele aproveitou: a obrigatoriedade da alfabetização e o domínio das ciências básicas. Quebra as barreiras impostas pelo elitismo senhorial e burguês, que somente priorizavam escolas privadas das classes dominantes. Anísio põe nas escolas-classe a alfabetização e o ensino das ciências, para que todos os alunos que nela estudassem tivessem acesso a isso, gratuitamente. A educação para o trabalho, das artes e ofícios, ele coloca nas oficinas da Escola Parque. E aí coloca o diferencial: a biblioteca, o teatro.

Essa era a Escola Parque que Anísio queria: o centro educacional não é somente um complexo escolar que reúne um conjunto de escolas (classes e parque), inicialmente a serem implantadas em sete bairros. É uma verdadeira universidade mirim, com a participação da comunidade na utilização das escolas. A população local considerada

como uma área acessível às atividades e ela conserva como sendo um espaço dela. Uma escola inserida em uma comunidade, com um caminho propício a emancipação do ser humano.

Nesse sentido, próprio do contexto sociointeracionista, que é múltiplo e pautado por tensões e conflitos entre o diálogo do passado com o presente, é que vimos como alguém que nasce no berço das elites baianas embrenha-se na defesa e construção de uma escola pública e gratuita para todos. As ideias de Anísio não podem ser esquecidas, devem ser reavivadas constantemente. A atual tecnologia digital pode eternizá-la, virtualmente na internet e é nesse sentido de perenização e difusão de conhecimentos construídos colaborativamente que construímos, junto aos grupos de pesquisa RedeEduca e Memória da Educação na Bahia, o Museu Virtual da Escola Parque da Década de 1950, já discutido em artigos anteriores.

Assim, finalizamos este artigo concluindo que, com o trajeto realizado neste texto, todas essas circunstâncias elencadas, presentes em cada um desses elementos trazidos ao longo do texto, e que permeiam a vida do educador caetitense, adquirem um lócus privilegiado na elaboração dos projetos pedagógicos das escolas-parque de Anísio Teixeira, na sua defesa de um Brasil enquanto país com *"um movimento de consciência da nação contra a divisão, o parcelamento de seus filhos entre 'favorecidos' [prestigiados] e 'desfavorecidos' [desprestigiados] e contra a alienação de sua cultura e de seus gostos"* (Teixeira, 1960).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

CASTANHA, A. P. **Pedagogia da moralidade: a ordem civilizatória imperial**. Artigos. Graf, FE: História, Educação e Sociedade no Brasil - HISTEDBR - Faculdade de Educação - UNICAMP, 2006 (Navegando na história da Educação Brasileira - DVD - CD-Rom J C Lombardi, D Saviani M Nascimento). Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_014.html

CUNHA, M. V. **John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 17, p. 86-99, 2001.

MARTINS, L. C. de A. **História Social do quilombo do Cabula: representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária**. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 311p. 2017

MATTA, A. E. R. **A educação e a ascensão da burguesia na Bahia**. Revista FAEEBA, Salvador. V. 14, nº 24, p.113-124, 2005.

_____. **Os Termos de Saída de Órfãos da Casa Pia: testemunho da transição da hegemonia do trabalho escravo para o assalariado na cidade de Salvador**. In: MENEZES, Jaci et al. Educação na Bahia: memória, registros, testemunhos. Salvador: Editora UNEB, p.201-212, 2006.

_____. **História da Bahia: licenciatura em História**. Salvador: EDUNEB, 100 p., 2013.

MENEZES, J. M. F. **O retorno dos jesuítas ao Brasil: a república e a educação na Bahia**. Sociedade Brasileira de História da Educação - SBHE. Universidade Federal de Mato Grosso de 20 a 23 de maio de 2013 - Cuiabá-MT, 2013. In: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07.pdf>

NUNES, C. **Anísio Teixeira, 1900-1971**. Coleção Educadores MEC, Anísio Teixeira, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, 152p.

PRAWAT, R. S. **The Two Faces of Dewey and Pragmatism: Inductionism versus Social Constructivism**. Teachers College Record, v. 102, n.4, 2000, p. 805-840.

SANTOS, E. O. P. **A proposta educacional de Anísio Teixeira para a Escola Parque da década de 1950 – Aplicação a modelagem digital**. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 323p. 2020

TEIXEIRA, A. S. **A reconstrução do programa escolar**. Escola Nova, v. 1, nº 2-3, p. 86-95. 1920.

_____. **Carta a Monteiro Lobato**. Sl, 1936. In Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC.

_____. **Educação e Nacionalismo**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.34, n.80, out./dez. 1960. p.205-208.

VICENZI, L. **A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil**. Fórum Educacional, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, 1986

Recebido em: 20/01/2022

Aprovado em: 21/02/2022

Publicado em: 24/02/2022